

UMA NOVA
PEDAGOGIA PARA A
SOCIEDADE FUTURA
PRINCÍPIOS PRÁTICOS

N935

Uma nova pedagogia para a sociedade futura:
princípios práticos / Fundação Antonio Meneghetti
– Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora
Universitária, 2014.
74 p. ; 20 cm.

ISBN 978-85-64631-17 - 5

1. Ontopsicologia. 2. Pedagogia Ontopsicológica.
3. Educação - crianças. 4. Educação - adolescentes. I.
Vidor, Alécio. II. Barbieri, Josiane B.P. III. Giordani,
Estela Maris. IV. Spanhol, Carmen I.D. V. Wazlawick,
Patrícia VI. Título.

CDU: 37

Catalogado na publicação: Biblioteca Humanitas da AMF

ORGANIZAÇÃO



EDITORAÇÃO:



Ontopsicológica
Editora Universitária

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI
+ 55 55 3289-1139 | 55 96410942
contato@fundacaoantoniomeneghetti.org.br
www.fundacaoantoniomeneghetti.org.br

ONTOPSICOLÓGICA EDITORA
UNIVERSITÁRIA
+ 55 55 3289-1140 | info@ontopsicologia.com.br
www.ontopsicologia.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	5
A FASE PRÉ-NATAL E A RESPONSABILIDADE DA VIDA.....	7
A PEDAGOGIA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA	15
COMO EDUCAR CRIANÇAS DE SEIS A DOZE ANOS	27
PRINCÍPIOS PRÁTICOS DE UMA PEDAGOGIA PARA O ADOLESCENTE	41
A JUVENTUDE.....	55
PORQUE A ONTOPSICOLOGIA APRESENTA UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NOVA.....	69

PREFÁCIO

“A pedagogia é a arte de formar o homem pessoa na função social”.

Antonio Meneghetti¹

Este opúsculo pretende prestar um serviço à educação humana, para pais, filhos, educadores e interessados.

O conteúdo elaborado, de modo simples, não faz mais do que descrever as maneiras de proceder, extraídos dos livros do Professor Antonio Meneghetti². Neste texto não se procurou em seguir todas as regras exigidas para publicar um artigo ou um livro. A intenção deste resumo é ajudar e facilitar a compreensão de quem lê seus livros referentes à Pedagogia.

O ser humano é um projeto da vida, um projeto do ser e um projeto capaz de autorrealização. Partindo dessa visão, como a pedagogia pode contribuir para que a criança, o adolescente e o jovem se responsabilizem pelo seu projeto de vida? Este livreto se propõe a acenar a direção a essa pergunta fundamental.

¹ Definição dada pelo Acad. Prof. Antonio Meneghetti em conferência sobre a pedagogia contemporânea proferida na sede da Unesco, em Paris, em 30 de março de 2006.

² Em particular a obra MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014. Para informações sobre o autor e suas obras, consultar www.antoniomeneghetti.org.br e www.ontopsicologia.com.br

1 A FASE PRÉ-NATAL E A RESPONSABILIDADE DA VIDA

Alécio Vidor¹

A educação não pode ser reduzida a um micro processo de adaptação aos valores de uma cultura e de uma sociedade. Educar, em sua etimologia: “*educare*” significa nutrir, alimentar. Do termo “*educare*” se forma “*ex + ducere*”, que significa conduzir para fora o valor íntimo do educando. Portanto, a educação exige que o indivíduo conheça a si mesmo para desenvolver-se segundo a sua identidade e realizar-se como pessoa.

A pedagogia, portanto, é a arte de ajudar a criança a desenvolver-se segundo o seu projeto de natureza, para construir seu valor pessoal e contribuir na ordem do convívio social.

A fase pré-natal é importante porque o feto entra em relação de dependência de um ser humano adulto. Em base a essa disparidade sabe-se que o mais forte e mais organizado prevalece sobre o dependente e tudo o que o dependente assimila é repassado pelo

¹ Doutor em Filosofia - Universidade São Tomás de Aquino, Roma.

organismo materno. O feto assimila o oxigênio, a alimentação e tudo o que necessita para manter-se e desenvolver-se do organismo materno. Torna-se fácil entender que as variações emotivas, o bem-estar da mãe, são informações repassadas que a célula-feto assimila e registra como base de seu comportamento posterior. A mãe traduz o meio-ambiente para o feto, o convívio com o marido ou parceiro e também os conflitos e suas disfunções organísmicas.

Em base a isso, é indispensável saber se a união do casal não está baseada numa relação que alimenta e reforça problemas recíprocos. Ser complementar ao homem é exigência íntima da natureza da mulher e igualmente do homem. Mas quando um complementa o complexo do outro, o produto de ambos será um aumento e expansão de patologia e doenças, porque nutrem uma dinâmica de prejuízo para o eu de ambos e com a influência no dependente em formação.

A Ontopsicologia é uma ciência que percebeu a existência de uma informação dinâmica-interativa entre os seres humanos, é a única ciência que descobriu como a vida, mediante as variações ondulares, transfere as informações de um indivíduo a outros ou dos indivíduos entre si, e tais mensagens ficam descritas nos sonhos. Como tais informações são anteriores a qualquer forma de consciência, tornou-se possível tomar conhecimento das formas de complexos inconscientes nas relações de casais, e ver os efeitos que produzem no bebê e como os sonhos dos adultos

descrevem influências.

Antes de decidir pelo evento-filho, quase sempre é necessário um processo de autenticação do casal, como meio de garantir a sanidade do lugar de origem da prole. Se queremos resgatar o respeito para com a vida humana, temos que nos responsabilizar diante da vida desde a sua origem. As primeiras influências e informações pré-orientam e pré-dispõe as subsequentes.

Quando olhamos os animais, percebemos que seus instintos são regidos por impulsos que atendem os endereços de suas vidas, e eles, quando não influenciados pelo homem, comunicam-se em base a dinâmica da vida porque seguem a ordem da própria natureza. Nós humanos, erramos porque nossa consciência não foi orientada a auscultar a experiência vital; não reflete a comunicação dinâmica da vida, de modo que a consciência permanece distante à ordem dos próprios instintos, porque foi conduzida e condicionada por uma cultura fixa ensinada. A criança, desde cedo, ao aprender o modo de pensar, a língua, a moral, da influência e opinião alheia, é formada pela família e pela sociedade. Não aprende a ler as linguagens do próprio organismo, e até é levada a esquecer-las e considerá-las sem importância e valor para o próprio Eu construído.

Gerar um filho é decisão preeminente da mulher porque o ônus e a honra é sua. A mulher não é exigida, por natureza, a ser mãe. Quem deseja ser fonte de

um evento-vida novo não pode impedir e prejudicar a própria realização como pessoa autônoma.

Como o feto só é garantido pela plenitude vital do organismo materno, a escolha da mãe deve ser espontânea e livre, os parentes não devem interferir e o próprio parceiro, sendo responsável, pode dialogar mantendo-se coordenado à exigência de prazer da decisão da mulher.

Para compreender a criança é necessário partir do lugar de origem de sua vida. A história de vida pré-natal imprime as primeiras informações traduzidas pela vida da mãe. Se a primeira influência corresponde a da alegria dos adultos que não descuidam de procurá-la, o filho assimila a forma de vida dos pais, o caminho a percorrer na existência. Somente os filhos que nascem junto ao egoísmo sadio e vital do casal terão condições de ser pessoas autorrealizadas. As opiniões posteriores dos pais não devem transformar-se em peso de ditadura para o neonato.

O casal sempre deve finalizar-se em si mesmo, e os filhos devem ser vistos como frutos externos para não serem reduzidos a objeto de compensação afetiva e para não serem investidos de uma diretividade estranha. A compensação afetiva materna paralisa o desenvolvimento do próprio filho com uma informação alheia, que impede o endereço que o distingue e divide o filho da mãe, da avó ou outros familiares.

O feto não tem direito igual ao da mãe. A célula-feto é uma colônia com possível intenção à autonomia.

O ato que dá mais vida pode decidir respeitar a lei que parte como possibilidade, mas em caso de impossibilidade para a mãe, é necessário salvar o valor concreto da autonomia. A mãe e o pai são autônomos porque têm força de decisão e sabem dar respostas às próprias exigências, provendo a si mesmos. O possível não pode prevalecer sobre a história do real concreto.

Os filhos são um momento que passam na vida do casal e não são o destino de ambos. O procriar não pode substituir a exigência de construir o próprio valor pessoal de autorrealização. O ser marido ou esposa são funções de complementaridade transitória, enquanto a exigência de autoprover-se e realizar-se de modo autônomo como pessoa é necessidade intransferível e destino metafísico. Onde há mais vida o direito se amplia e o menos não pode ser lei para o real e prevalecer sem mérito.

A mãe jamais deve colocar-se como segunda em relação ao filho, renunciando a aspectos de valor e prazer que atendem suas necessidades e ambição. Isso acarretaria em culpa no filho por sentir-se peso e atrapalho na vida da mãe. Não sacrificar o valor do ser pessoa em favor do ser mãe.

A figura do parceiro contribui na eficiência do filho se souber salvaguardar e manter a companheira mãe em primeiro lugar. As relações devem ser dóceis e paternas e mediante diálogo favorecer uma extroversão, evitando que a mãe pense demais no filho que espera.

Usar a gravidez para desaparecer indisposições físicas na mulher é inconveniente porque tais indisposições tendem a desaforar-se no feto. A gravidez pode aliviar tensões por descarregar no filho em formação e também por gratificações sociais.

No parto a presença da mãe ou da sogra são impróprias devido a inibições. É preferível estar só ou em companhia do parceiro que a ama. As dores do parto aumentam quando a mãe não quer gerar o filho naquele contexto. A educação feminina referente ao sexo quase sempre é vista como de origem impura ou suja.

Não é funcional frustrar vidas adultas mediante exigências de proteção dada a vidas informes ou em formação. Valorizar em demasia o filho não só sacrifica, mas frustra vidas adultas e isso prejudica o crescimento dos dependentes.

Os nascidos precisam proceder da maturidade superabundante dos adultos e isso acontece quando o adulto garante primeiramente a própria realização.

Colocar a criança em primeiro lugar, por sacrifício do adulto, acarreta antívida nos adultos e por esse meio os adultos tendem a se compensar nos filhos. O respeito à vida exige salvar a hierarquia de valores presente nas vidas.

As flores e frutos belos e sadios originam-se de plantas e árvores vigorosas e, nos seres humanos, ser realizado e feliz é o requisito para que os filhos aprendam como construir o próprio valor pessoal.

O sexo da criança não depende da preferência e escolha dos pais, mas depende do equilíbrio do todo da natureza e não dos indivíduos adultos.

O espírito ou alma não se dá já no princípio, a atuação dela é progressiva e aparece quando o corpo oferece as condições, visto que a vida se dá mais fora das individuações e a separação, independência e autonomia individual desabrocha como construção da própria pessoa. Humano se nasce, mas pessoa é resultado de ação espiritual.

A mãe é, na origem da vida e até os 6 meses, o ambiente primário da relação como filtro de qualquer realidade. Qualquer resultado que se pretenda no filho depende do modo como se procede com a mãe.

A pedagogia ontopsicológica, mediante suas descobertas científicas e seu método, expõe as coordenadas práticas referentes ao modo de cultivar o valor da vida na origem. Esse conhecimento responsabiliza os adultos diante da vida humana, quando escolhem dar continuidade a novas existências. Uma nova humanidade não nasce de ideologias, de crenças, de convicções, mas de conhecimento da ordem inerente à vida humana.

2

A PEDAGOGIA NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

Carmen I. D. Spanhol¹

A pedagogia proposta pela Ontopsicologia surgiu de lições elementares, proferidas pelo Prof. Antonio Meneghetti, para ensinar aos pais como educar seus filhos. Diferentemente de autores² que, ao estudarem a criança, estabeleceram períodos ou fases para o desenvolvimento infantil, a pedagogia em questão, não faz distinção em fases delimitadas. Entretanto, suas contribuições demonstram que o desenvolvimento da criança ocorre de modo natural, com vistas ao nascimento do seu Eu saudável.

Após o nascimento até aos seis meses a criança permanece vinculada à mãe³, o que se estabelece como um filtro entre o recém-nascido e a realidade externa. Esta relação inicial, construída entre o adulto-mãe⁴ e

¹ Doutora em Educação - UdelMar, Chile.

² Ver HARRÉ, R. **Grandes pensadores em psicologia**. São Paulo: Roca, 2009.

³ Mãe: adulto que assume o papel-mãe o qual a criança prefere como referência simbiótica.

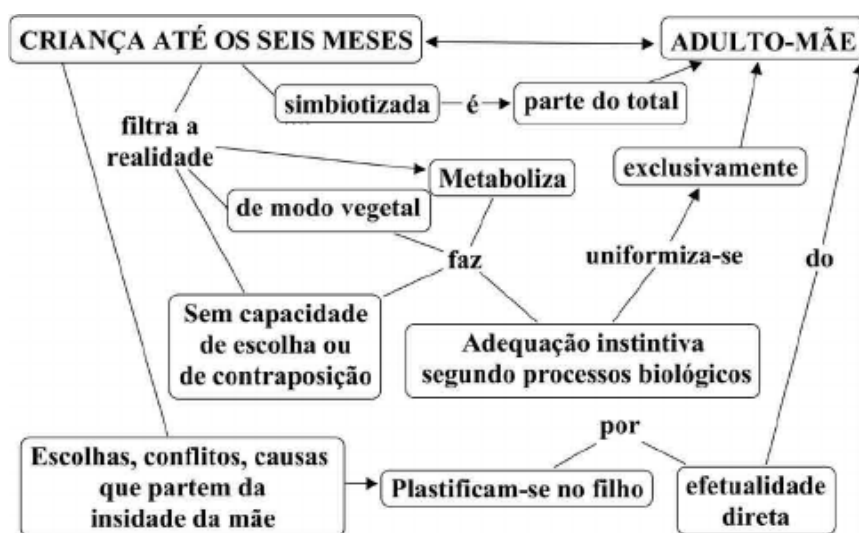
⁴ Por adulto-mãe entende três funções: a) o genitor de maior referência na expressão de necessidade da criança; b) a dinâmica inconsciente que informa a modalidade de referência à criança por parte do genitor adulto; c) a tipologia do conjunto circunstante. Ver MENEGHETTI, 2014, p.119.

o recém-nascido, objetiva a sobrevivência da criança.

No esquema a seguir, é possível observar que a criança vive como corpo externo, porém é o adulto-mãe que filtra a realidade. As necessidades do recém-nascido são supridas por um adulto que a provê nos diferentes aspectos da vida – alimento, afeto, higiene.

Este adulto é o primeiro elo da criança com o mundo externo. Por esse motivo, um adulto maduro nesses aspectos, torna-se essencial para o desenvolvimento positivo da criança. Nesse processo, espera-se a formação de um adulto capaz de operar autonomamente os direitos e deveres sociais e que esteja em condições de ser, ao mesmo tempo, verdadeiro para si mesmo e funcional para sociedade.

Figura 1 – representação da relação simbiótica entre mãe e filho (a)



Fonte: figura elaborada pela autora a partir do texto de MENEGHETTI, 2014. p.32-37.

O esquema anterior representa a relação simbiótica que se estabelece na relação diádica⁵ entre mãe e filho (a). Para facilitar a sucessiva identidade de consciência e de crescimento é conveniente manter esta unicidade. A mesma deve gradativamente se dissolver para dar passagem ao Eu independente e autônomo do menor e o envolver desde o ciclo biológico até o psíquico.

No decorrer dos primeiros seis meses se consolida o temperamento da pessoa e esse aspecto da personalidade se origina do *id* e vem determinado pela zona positiva psicobiológica da criança.

Nesta fase inicial de vida a criança flui “gratuitamente segundo leis biológicas na díade simbiótica com a mãe.” (MENEGETTI, 2014, p.36). O autor da Pedagogia Ontopsicológica, considera que neste período se inicia um verdadeiro problema insolúvel: a criança olha fora, não se deixa colher, mas sente dentro cada coisa com conhecimento anterior ao que vê. Devido a esse problema “é preciso ter uma capacidade de altíssima sensibilidade ou terceiro olho” (MENEGETTI, 2014, p.36) para compreender uma criança.

A partir dos seis meses a criança sofre a lei do mais forte – não do mais forte externamente - mas daquele que catalisa a força dentro do ambiente, materializado naquele adulto que possui um modo complexual mais

⁵ Díade: movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. (MENEGETTI, 2010, p. 235)

estruturado o qual se torna o catalizador de superego dentro da criança. Nesse caso pode também ser a mãe quando não expressa a si mesma, pois é a dependente exposta de informação dinâmica de outros membros da família.

A partir de então, em seu processo de desenvolvimento, a criança passa por uma transformação: começa nascer o homem⁶, a consciência, a capacidade do ato reflexo que prepara e funda a especificidade do humano, enquanto distinta das demais criaturas. Os pais e demais familiares influenciam diretamente a criança após o sexto mês de vida, quando inicia para a criança, o coexistir, pois começa a se perceber distinta.

Para uma elaboração sadia, é importante, naquele momento, que a criança colha com amizade as novidades “para colocar as bases da sua consciência reflexa” (MENEGETTI, 2014, p.35). Um Eu singular formado por muitos Eus, que ao coordená-los evidencia a consciência individuada e, com o surgimento da reflexão, a criança se exterioriza. No seu mover-se busca as relações no ambiente em vantagem própria.

Ao se observar o olhar da criança, nele se vê uma informação incisiva que expressa o seu existir. “Eu sou, eu estou aqui”. Este modo indica uma agressividade primária a serviço da sua existência e do seu

⁶ Homem: do latim *homo*, de *humus* = terra, terrestre. do latim *Esse in humo* = o ente localizado e feito *no* e *do* planeta Terra. (MENEGETTI, 2012, p. 128)

crescimento, com indicação do instinto de posse. Este “instinto primário que domina e organiza a evolução psicológica da criança”(MENEGHETTI, 2014, p.38).

O nascimento da consciência se constitui pelo primeiro ato reflexo no momento em que o íntimo da criança se individua como: “Eu estou aqui, e existo daqui!”(MENEGHETTI, 2014, p.38). Deseja tudo para si, pois cada individuo é instinto de vida.

No período que inicia no sexto mês, aproximadamente, até 1 ano, a criança concebe o seu existir como algo uníssono, e é para si. Essa situação desaparece com o passar do crescimento até por volta dos 3 anos de vida. É na multiplicidade das existências que o Eu da criança começa a conceber o ser em relação e configura a identidade de si mesma.

Ao se coligar ao adulto, que é o seu primeiro lugar de segurança, aprende as raízes do próprio Eu. “A criança estrutura a própria tipologia modulando-se sobre a tipologia materna” (MENEGHETTI, 2010, p. 237). O comportamento desse adulto lhe permitirá assimilar o modelo básico para estabelecer o caráter que estrutura parte de sua personalidade.

O modelo básico se refere aos vários aspectos que mais tarde são definidos como: “filho de peixe, peixinho é”. Estes aspectos, assimilados nesta primeira fase, correspondem ao modo de falar, de se mover e ao modo básico de consciência. Isto ocorre porque no recém-nascido existe o processo de hetero-identidade e ainda não aparece o processo de auto-identidade.

Este último se forma sucessivamente, no decorrer dos primeiros anos de vida, em torno dos 2 a 4 anos e se aperfeiçoar até os seis anos.

A criança aprende, a partir do berço imposto pela família, a se adaptar e a se uniformizar às exigências dos esquemas sociais e externos. Deste modo, desvia-se do seu núcleo vital, que lhe permite fazer a si mesmo como pessoa, com um Eu lógico-histórico⁷ capaz de agir no social, com condutas vencedoras para si e para o contexto.

Na pesquisa ontopsicológica as questões hereditárias e sociais não são consideradas suficientes para a constituição do nascimento do Eu individuado e autônomo. Além das questões hereditárias - que influenciam o temperamento e incidem sobre os traços somático – e as sociais que não explicam porque num mesmo ambiente social ocorrem, de modo diferente, as evoluções dos indivíduos quando alguns se tornam sadios e outros se estruturam em patologia (física, psíquica, social). Neste estudo, outro aspecto a considerar é a família.

Meneghetti (2010, p.233), observa que “a família permanece a primeira estrutura que constitui a matriz-base para qualquer involução do sujeito.” No decorrer dos tempos e mesmo com todas as variações ocorridas na constituição familiar, que cumprem

⁷ Eu lógico-histórico: também denominado Eu voluntarístico pensante ou Eu responsável agente – é a capacidade de mediar o real externo segundo a exigência individual do íntimo. (MENEGETTI, 2012, p.108).

as demandas da ideologia societária, o modo de estruturação e validação do estereótipo-família ainda persiste e se reimprime a cada novo nascimento.

O meio familiar porta sempre, no seu núcleo, uma patologia psico-moral-afetiva, que imprime na criança a sua maneira de estar e funcionar no mundo. O modo de amar aquela criança direciona a linha condutora de todo o seu prosseguir futuro. Esta matriz é a marca daquele sujeito o qual a levará como prioritária por toda vida. A partir desse modelo, o sujeito definirá os seus posicionamentos em todas as áreas de sua vida – afetiva, sexual, social, profissional e familiar.

São as informações conscientes e inconscientes depositadas durante a infância pelos familiares – sobreposição informáticas da doxa societária – que se expressam no jovem ao se demonstrar incapaz de conviver em uma sociedade funcional. Essas consequências conduzem no futuro adulto aos desvios psico-biológicos, impactados individualmente ou na sociedade.

É no contexto familiar que a criança se prepara para garantir o amanhã. Nesse sentido, os pais devem ensinar a defesa funcional para enfrentar o pluralismo social na vida adulta. Sem prevenir, a criança, “contra o social, mas deve facilitar dentro da família todos os mecanismos que a criança adota para se garantir positivamente contra invasões naturais dos adultos, dos irmãos, dos coetâneos” (MENEGHETTI, 2014, p.50).

A partir dos 3 anos, a criança perde o modo de

reconhecer e seguir a identidade instintiva que possuía. Esse fato ocorre porque nesse período sofre a semântica social que interioriza como modelo. Esse sofrimento se dá em forma de obscurecimento. Com isso, é obrigada a reagir conforme a dinâmica familiar impressa dentro de si mesma.

A criança percebe e reage ao ambiente por meio das informações colhidas no seu corpo – que funciona como um radar aberto e absorve tudo sem possibilidade, ainda, de decodificação. A criança é um cientista, compreende as informações na sua corporeidade. Aprende naturalmente.

Por possuir esse modo de conhecimento inato, para seu desenvolvimento social saudável, necessita que o eco ambiente em que vive lhe proporcione a via de distinção real das informações colhidas. No entanto, antes mesmo de ir para a escola já sofreu a informação que não lhe permite enxergar com clareza a ordem vital, porque entra em jogo o superego preestabelecido.

Em relação ao comportamento holofrásico, este acompanha a criança a partir dos seis meses até por volta de 5 anos. Ele indica um modo de conhecer a realidade que, comparada ao adulto, ainda não possui a capacidade sincrônica com os múltiplos eventos. Seu comportamento é de total exposição e impacto. Quando inicia o ato de consciência racional, já é capaz da mentira consciente. Então, deixa de ser holofrásica e começa a socializar a sua individualidade.

Até os 4 anos deve ser educada para ser autossuficiente naquilo que satisfaz suas necessidades primárias. Em relação aos primeiros referimentos afetivos, deve ter a oportunidade de escolher o genitor como valor de vantagem para si.

No que tange à capacidade de amor e de sexo, o genitor deve ser a passagem, como objeto de transição, para uma vida adulta saudável. Convém destacar que “a criança aprende por sub-mensagens das palavras, o campo semântico⁸.” (MENEGETTI, 2014, p.46). Por esta razão, é importante que o genitor confirme seu amor indiscutível e único antes de proceder uma correção funcional, que deva ser aplicada.

A partir dos 3 anos de idade, a criança já é capaz de bloquear seu erotismo quando está na presença de adultos. Por ordem natural a criança não é perversa. Contudo, aprende a perversão do sexo na relação com os adultos, a partir do removido inibido, ou ainda, por comportamento complexual dos parceiros adultos.

Também em relação à capacidade sexual, a criança mantém uma holofrasia somatopsíquica: o erotismo da criança se difunde em todo o seu corpo. Já o adulto tem precisas zonas definidas onde expressa suas pulsões libidinais. Sendo assim, ao relacionar-se com a criança, o adulto, deve partir de uma “difusão

⁸ Campo semântico: “comunicação-base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2012, p. 38). Comunicação-base porque é uma informação que ocorre em antecipação aos símbolos: antes dos sentidos, das emoções e da consciência.

viscerotônica”. (MENEGETTI, 2014, p.47) o que significa propiciar atividades lúdicas e epidérmicas, entre pais e filhos, onde a criança possa expressar-se espontaneamente, sem preferencialidade no jogo afetivo de ternura e abraço. A confiança do encontro garante um desenvolvimento saudável em família e na sociedade.

Para não perverter o projeto de ordem natural da criança, o adulto deve evitar a superproteção de modo assistencialista. Até os 3-5 anos os pais devem se ocupar de uma higiene natural e pediátrica. Para que seu desenvolvimento transcorra de modo saudável, a criança deve ser gratificada quando soube responder a uma situação com uma adaptação inteligente – mentira inteligente. O que não devem ser gratificadas são as mentiras estúpidas provenientes de simulações que corrompem sua dignidade – teatros, choros, caprichos, falsa procura de afeto. Nesse caso, os pais devem se manter indiferentes.

Quando a criança põe em risco a própria vida, em alguns casos “a palmada pedagógica” pode ser usada para impedi-la do perigo físico. O genitor deve ser categórico. Não usar a força física, mas com intensidade emotiva tornando claro o campo semântico de inibição: “Eu não quero o mal para ti; ai de ti se te comportares mal com perigo para ti”. (MENEGETTI, 2014, p.50).

Os pais necessitam dar atenção ao “não” categórico expresso pelo filho, ele contém um significado do

limite daquela criança e deve ser respeitado. Porém, o adulto deve intervir quando um “não” da criança coloca risco para sua vida.

O brincar e as brincadeiras fazem parte do mundo da criança. É uma oportunidade por meio da qual ela pode simular todas as interações reais. É importante que ao brincar utilize objetos funcionais do cotidiano de ação do ser humano.

A busca por um modelo de afirmação leva a criança a imitar, dentro de casa, algumas pessoas do convívio social. Os pais devem agir como filtro de crítica nessa hora, visando o crescimento do filho (a), com coragem para desmentir os mitos daqueles modelos que não servem.

A criança ao nascer, como já mencionado, vive de modo simbiótico com a mãe e no decorrer de seu desenvolvimento deve torna-se Eu individuado. A partir dos 6 anos se inicia a ruptura desta relação diádica para encontrar a própria “virtualidade existencial”.

REFERÊNCIAS

HARRÉ, R. **Grandes pensadores em psicologia**. São Paulo: Roca, 2009.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. Uma Nuova Pedagogia per la Società Futura. In: CONFERÊNCIA UNESCO 1, 2006. Anais. Paris, 2006a. p.1- 40.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. 4 ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010.

_____. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

3 COMO EDUCAR CRIANÇAS DE SEIS A DOZE ANOS

Estela Maris Giordani¹

Conforme Meneghetti (2014) as crianças são o reflexo dos adultos que estão em interação, portanto, para modificar as crianças é preciso modificar os adultos que educam as crianças. Pois para educar uma criança é necessário que o adulto de referência da relação educativa seja realizado. Realizado significa que ele esteja em contato com o princípio do evento vida que o gerou, por consequência não faz projeções suas sobre a nova vida que pretende educar. Uma das grandes causas da inadequação pedagógica contemporânea é que o educador faz pedagogia por compensação. Meneghetti (2014) muitas vezes de modo simples faz a analogia com as plantas, argumentando que, apenas uma planta saudável e gozando de seu pleno funcionamento pode gerar frutos que sejam saudáveis. O educador em relação ao educando é, antes de mais nada, uma vida que deveria estar funcionando em integridade com as leis universais da vida, a qual o põe e o mantém. Os educadores (pais ou professores) devem considerar que o educando é

¹ Doutora em Educação - UNICAMP.

outro. Os genitores não possuem a capacidade de determinar quem é esse ser, mas podem se tornar instrumentos funcionais para auxiliar a vida a prover novos seres. O adulto de maior referência afetiva torna-se o categórico filtro de realidade programando o modo de percepção que a criança possui de si e do mundo.

Enquanto estiver em processo de formação de seu Eu as crianças irão moldar-se, adaptar-se e portanto responder ao adulto de maior referência naquele contexto. Contudo, a adaptação não se refere apenas ao modo de conhecer ou perceber a realidade, mas sobretudo, ao modo de sentir e agir. Isto é, interfere em todas as dimensões existenciais do aprendiz. Por exemplo, se temos um educador agressivo, embora em latência ou não manifesto e externamente apresentando certa tranquilidade, teremos então naquele contexto pedagógico uma maior exposição da agressividade das crianças – tratando-se de crianças de seis a doze anos. Estas, sempre são respostas diretas e imediatas das dinâmicas psíquicas conscientes e inconscientes dos adultos que estão em referência daquela específica interação. Por consequência disso, tantas situações de agressividade não são nada mais do que formas de exposição das agressividades dos adultos. A Pedagogia Ontopsicológica tem como premissa que para desenvolver integralmente uma outra vida os educadores (pais e docentes) devem fazer o processo de autenticação de sua consciência por meio da psicoterapia ontopsicológica, isto é, a sua consciência deve

aprender a ingressar na escola da vida e aprender a ler as informações conforme as intencionalidades do real e não conforme aquela aprendizagem pré-posta em sua consciência.

O educador (pai e mãe) não deve almejar mudar o outro, mas a si mesmo, se conseguir mudar a si mesmo, ingressa na capacidade de provocar a mudança no outro mas porque é um exemplo vivo de que se pode mudar. Não é dizendo, mas de fato demonstrando em primeira pessoa que soube construir bem a si mesmo, essa dignidade que o professor demonstra dá coragem e provoca o pequeno transmitindo a informação “se queres, é possível, se eu pude, porque não tu também não podes, é certo que podes!”. Portanto, “a criança evoluirá na maneira como foi conhecida e amada, assumindo dentro de si mesma o superego caracterizado dentro dos próprios adultos” (MENEGETTI, 2014, p. 58).

Todas as emoções que o adulto possui durante o processo de vivência e interação com a criança são comunicadas e colhidas pelas crianças. Essas por sua vez reagem às emoções informadas pelos adultos, mas não sabendo de quem são, e porque estão sentindo, elas tomam tais informações como se fossem próprias e passam a executá-las. Essas informações são possíveis de serem transmitidas porque a vida se comunica entre si. E, a essa comunicação-base que a vida usa entre si Meneghetti (2012) a denominou de campo semântico. Existe essa informação em nível

subatômico, inconsciente, que é emitida independentemente do desejo do educador ou da criança, todo o ser vivo comunica e recebe constantemente informações. A vida está variando continuamente e em sua variação contínua de ondas produz informação que são comunicadas e informam. E, sendo um adulto educador que informa, determina os modos de responder aos diversos dependentes daquele que possui dinamicamente a estrutura psíquica mais organizada, ou seja, aquela que se sobrepõe as outras.

Logo, quais são as informações que o educador comunica ao interagir com a criança? Certamente comunica as informações conscientes, que representam 20%, mas sobretudo, comunica as informações inconscientes que representam 80% de sua atividade psíquica que está em interação com a criança. E, se o genitor ou professor não considera o conteúdo de sua comunicação inconsciente ele pode emitir uma informação consciente mas informar outra inconscientemente. Qual é a informação que vai ser prioritariamente percebida e atuada pelo educando? Aquela que dinamicamente está mais estruturada, aquela mais potente, e não sempre será aquela informação consciente, mas pode ser que geralmente se sobreponha à essa aquela inconsciente e que seja contraditória ao desejo consciente do educador. Se as informações inseridas pelo adulto-mãe, sobrepostas a percepção de como a vida o fez, o amou e o informa, a criança cresce nesse contínuo desvio e por consequência

não se torna capaz de colher a essência dos eventos que interage da qual é naturalmente dotada pela sua inteligência. Esta é a fase que se inicia o desenvolvimento da racionalidade da criança, se estruturam as bases das suas estruturas lógicas. “Este período é muito importante, porque se dá a base racional consciente de toda a sucessiva personalidade que jamais será modificada (sem terapia). Como se desperta nessa idade, será depois; é, portanto, a idade-fulcro de toda a vida” (MENEGETTI, 2014, p. 67). E, se a criança nesta fase apenas for estruturada a considerar o conteúdo consciente, aprende a descartar 80% da leitura das informações que recebe nos processos interativos humanos. E, com isso, estrutura a sua formação racional de modo cindido, não integrando à sua capacidade racional de compreensão do conteúdo dos outros 80%. Recebe as informações, mas não percebe, não compreende e não as integra no conjunto de sua capacidade cognitiva. E constrói assim uma lógica racional desconexa do conjunto de sua atividade psíquica que também é inconsciente. A família e a escola, portanto, devem incentivar para que a criança aos poucos comece a prestar atenção a sua interioridade, a considerar todo o universo da atividade psíquica inconsciente.

Esse princípio é fundamental pois, muitas vezes, a criança emite uma informação verbal mas completamente diferenciada do ponto de vista da informação inconsciente, possível de se colher por meio do campo

semântico. E, sem esse instrumento, é impossível estabelecer uma relação de lealdade com a criança, pois não se consegue distinguir a intencionalidade subjacente aquela informação que as crianças expressam verbalmente. E, nesse contexto, não é raro os adultos serem literalmente “enrolados” pelas crianças, sendo que os adultos, passam a ser peças manipuladas pelos pequenos. Pois, eles sabem compreender quando o adulto pode ser enganado ou quando o adulto sabe distinguir a intencionalidade dela naquela situação. E, se o adulto passa a ser manipulado pelas crianças qual é a autoridade educativa que possui? Não se trata da “autoridade em si e por si”, mas o adulto deve exercer o papel de adulto, ou seja, cabe à ele a responsabilidade de auxiliar a criança, mas se ele não consegue distinguir, então como pode fazer com que a criança aprenda a dignidade das coisas, de ganhar a sua vida com o mérito de seu esforço e não apenas em saber ser um exímio vencedor no jogo de enrolar os outros?

Contudo, não pode aprender esse comportamento como modelo único vencedor porque no contexto da interação social ela deve aprender a construir o seu valor e ser respeitada pelo que efetivamente sabe fazer e não como se safar sem ter que fazer o que precisa ser feito para se desenvolver. As consequências desse jogo podem ser diversas – dentre elas gerar a preguiça, a frustração, o parasitismo infantil, a depressão, a não aprendizagem ou dificuldade de aprendizagem, o assistencialismo etc. – de todo modo, todas essas

não conduzem à evolução, ao crescimento sadio da criança e sim a provar o seu blefe existencial. É capaz mas não se concretiza porque aprendeu a enganar aos outros. Contudo, não engana aos outros, primeiro engana a si mesma, porque não produzindo nada, não colhe nada, apenas vive uma forma de farsa de si mesma. A aprendizagem desse comportamento adquirida por meio dessa interação com o adulto alimenta a falência e a tragédia e não a alegria e a satisfação de existir. “Para ajudar uma criança nessa fase, deve-se iniciar uma correção real, indicando sempre um mesmo caminho, com um real relacionamento de adulto para adulto” (2014, p. 67). Portanto, a criança não deve ser tratada como incapaz ou como criança, quando se faz o impacto para fazer uma correção real, sempre deve-se tratar como se estivesse em uma relação com outro adulto. E, portanto, dessa intrínseca forma de relação a criança aprende o que é, confirma o seu verdadeiro potencial, encontra-se com a dignidade de seu existir perante os outros.

Nesta fase, “a criança começa a aperceber-se da relatividade do grupo familiar, sai da consciência absolutista da família, começa a dar-se conta que ela é parte de uma parte maior: a sociedade” (MENEGETTI 2014, p. 61). Percebe-se capaz de superar o pequeno grupo da família e ingressar no contexto social. Portanto a criança “impacta-se com os valores sociais porque a própria família é subordinada àqueles valores dinâmicos que a sociedade propõe [...]. A criança

portanto, fiel à vetorialidade de crescimento do mais ser, do mais egóico, se dá conta que os valores sociais tornam-se maiores, consentem uma afirmação mais rápida de si mesmo, então os assume [...]” (p. 61-62).

A criança possui inato o impulso ao social, mas muitas vezes a família por querer de modo excessivo controlar a criança acaba retardando ou ainda, impedindo que essa passagem natural aconteça. Ela sente que existe no conjunto dos outros uma força muito maior do que percebe quando é sozinho, os muitos outros ampliam de forma incalculável o seu existir e portanto, tornam-se um grande bem, e é isso que o atrai. A criança sempre busca e se move por meio dos vetores que se demonstram mais vantajosos à ela. Por isso, ela escolhe o adulto que vai servir de referência para a sua vida, escolhe o grupo, escolhe as coisas que vão lhe facilitar os degraus para construir a sua ambição, porque ela quer ser grande e espera que os adultos lhes digam e lhes deem os instrumentos para que ela possa alcançar com seu próprio esforço as suas ambições.

A interação com o grupo de coetâneos é fundamental nessa fase. O seu amigo, o seu colega é muito mais importante do que qualquer outro membro adulto de sua família ou da escola. O que o adulto pode fazer é vigiar à distância quem são os seus amigos preferenciais e verificar se estabelecendo tais relações não entra em perigo ou em regressão.

Na escola vai perceber que pode ultrapassar e

ganhar espaços para além daquele já conquistado no contexto da família, é o lugar desse seu experimentar-se para além do que já conhece e já domina no pequeno grupo familiar. Quando ingressa na escola começa a sentir que existe o poder do grupo social e que este é muito superior ao da família. O grupo social faz se sentir maior, faz ele perceber que o real sentido de sua vida não se limita à família, mas que pode se construir dentro de uma esfera maior e mais poderosa, a sociedade. Sente a sociedade, por meio da escola, como força que o atrai, que o impulsiona a se tornar mais. E, esse movimento em direção ao contexto social também é mobilizado porque na escola aprende e estuda por meio dos diversos conteúdos a contribuição que outros seres humanos deixaram como legado cultural para ele. E, se ele adquire esse saber, adquire os instrumentos que lhe facilitam o ingresso ao poder daquele contexto social. Portanto, o conhecimento para a criança não é um peso ou um castigo, para ela se trata de conquistar a chave do acesso aos botões de comando daquela sociedade. E, para ser um real vencedor no contexto múltiplo das interações sociais deve aprender o seu valor de pessoa, mas também deve ser capaz de construir a si mesmo.

Portanto, o adulto não pode substituir a criança, deve incentivar, auxiliar, orientar como se faz, supervisionar etc. mas jamais fazer pela criança. Deve-se compreender que o esforço ou o sacrifício que ela fará

são fundamentais para que ela cresça e construa dentro de si a auto confiança, a coragem, a determinação e a satisfação de saber fazer e ter feito por si mesmo as coisas que considera importantes para a sua vida. Ela se sentirá útil e aprenderá por si mesma os instrumentos que são funções de vida. Sempre é danosa a atitude do adulto em recatar a criança fazendo assistencialismo. A criança nessa fase precisa aprender a tomar posse de si mesma, aprender sobre si, se testar, se experimentar, se desenvolver. Portanto, não pode se fixar em dependência do adulto, deve aprender a se tornar independente, fazer por si mesma, construir com as suas próprias mãos o seu valor de pessoa. Se o adulto fizer pela criança estará informando inconscientemente, embora não intencione isso, que a criança é incapaz. Contudo, o adulto deve auxiliar a criança a acreditar em sua capacidade e isso é feito concretamente fazendo com que a criança prove fazer fazendo, que experimente, que cometa os erros, que aprenda a repetir tantas vezes forem necessárias para aprender o que lhe dará autonomia, liberdade, independência, coragem, dignidade, satisfação. Assim estará exercendo o protagonismo responsável e não o protagonismo infantil.

E, por fim, uma fundamental importância e valor nessa fase são as fábulas. Contudo que tipo de fábulas utilizar na educação das crianças? Aquelas fábulas que medeiam a possibilidade de crescimento do seu Eu. Elas devem testemunhar no final, não obstante

os diversos problemas e desafios que o percurso lhes proponha, uma possibilidade de superação em relação ao que se propunha no início da história. Pois, “em cada criança existe o potencial de reconhecer o lugar e a direção onde a vida é dom gratificante [...]”. Nesta fase a criança ama as histórias, as fábulas. As ama porque são naturais espaços de seu potencial infinito, o compensativo da sua pobreza de ação, a programação da futura ação quando for grande” (MENEGHETTI, 2014, p. 68).

Portanto, os educadores devem saber escolher e indicar aquelas fábulas que possibilitam essa sua expansão com realismo íntimo, segundo os critérios apontados anteriormente, ou seja, que permitem a superação do protagonista. Pois, conforme Meneghetti (2014, p. 68) as fábulas são mais eficientes porque fazem a “[...] verbalização de um condensado introverso de valor do narrador: esse deslocamento verbal de um potencial positivo não investido, é um campo semântico de reforço à interioridade da criança. É como se o adulto passasse a tarefa como aliado para atuar aquele mundo vida que espera o demonstrado”.

Um exemplo é a história do chapeuzinho amarelo ao invés do chapeuzinho vermelho. Porque na história do chapeuzinho amarelo de Chico Buarque de Holanda a protagonista supera por si mesma os próprios medos e, na história da chapeuzinho vermelho ela fica sempre a mercê de um adulto que vai salvá-la. Do ponto de vista da aprendizagem da expansão de

sua ação possível então aprende que pode vencer se posiciona-se de modo a favorecer o seu crescimento saudável. “Portanto, deve-se sempre contar histórias verdadeiras ou possíveis em qualquer época, em qualquer lugar. Quando o adulto conta ou escreve, deve salvaguardar a possibilidade de vingança do protagonista, ou lhe dar sem dúvida a vitória” (p. 68). Mais adiante é preciso fazer a criança entrar em contato com biografias de homens que por meio de sua vida, de sua história, construíram “fórmulas reconhecidas de sucesso, intencionando ensinar os lugares e momentos onde a vida é mais familiar” (p. 74).

Síntese de conselhos práticos:

1. Os adultos, educadores devem autenticar sua consciência por meio da psicoterapia ontopsicológica porque na interação com o adulto a criança colhe as intencionalidades inconscientes e o adulto informa e estrutura na criança aquilo que aprendeu nas interações com o adulto.

2. Considerar que a criança é outro e quando se faz o impacto com ela, fazer como se fosse outro adulto a fim de perceber quem realmente é, portanto incentivar a criança a conhecer a si mesma “à procura da própria interioridade espontânea e originária”.

3. Não dizer à criança o que deve fazer, mas o que não deve fazer, supervisionar para que não esteja em real perigo, e intervir apenas quando se percebe que o que está fazendo resultaria em um erro grave contra si mesmo.

4. Instinto social: não impedir ou retardar a convivência da criança com os grupos sociais mas vigiar com quem as crianças interagem e verificar se o grupo e os amigos não são danosos à ela.

5. Não substituir a criança nas suas aprendizagens, auxiliá-la ensinando o caminho, como se faz, mas jamais fazer por ela, porque crescerá apenas se pagar o preço de fazer por si mesmo e assim terá a dignidade de construir bem a si mesma;

6. Instinto de posse: o adulto não pode substituir ou manter a criança em dependência sua, deve favorecer a sua autonomia, a prover-se por conta própria as suas necessidades.

7. A função das fábulas: elas são importantes para favorecer a compensação de sua possibilidade de ação infinita, por isso, deve-se possibilitar o contato com aquelas histórias verdadeiras e que de algum modo possibilitam em seu final a superação, vitória ou vingança do protagonista.

8. Biografias de homens que concretamente com a suas ações exemplares e de sucesso testemunham onde a vida mais pulsa.

9. Estimular a criança a cultivar a sua interioridade, a prestar atenção a toda a linguagem inconsciente.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Sistema e Personalidade**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2004.

_____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed., 2010.

4

PRINCÍPIOS PRÁTICOS DE UMA PEDAGOGIA PARA O ADOLESCENTE

Patrícia Wazlawick¹

O tempo passa rápido demais, e os filhos crescem! Frase pronunciada pelos pais ao longo de várias gerações, e fase vivida de inúmeras maneiras por pais, filhos, professores, família, escola e pela sociedade ao longo do tempo. Um dia você acorda pela manhã e se dá conta que o(a) seu(a) menininho(a) cresceu. Na adolescência tudo muda repentinamente, e é hora de aprender a lidar com este jovem em contínuas transformações. De fato, eles não vêm com manual de instrução, não podem ser devolvidos ou trocados, precisam crescer, ir adiante, se deparar com a vida “lá fora”, aprender a andar com as próprias pernas, tornarem-se autônomos, responder ao seu projeto de vida.

No adolescente há uma explosão de vida, que precisa ser reconhecida e ser bem conduzida, segundo a identidade de si mesmo. Seria interessante que pais e professores conseguissem identificar para onde os jovens adolescentes estão indo hoje – que rumo e

¹ Doutora em Psicologia - UFSC.

direção seguem – que potencial possuem, e se perguntarem, de modo sério e crítico: “o que estamos fazendo para os nossos melhores jovens?”

Foram estas palavras que o Acad. Prof. Antonio Meneghetti proferiu em fevereiro de 2008, quando aconteceu, no Recanto Maestro, a inauguração da Faculdade Antonio Meneghetti. Este é um ponto fundamental que interessa a todos! É um questionamento que precisa de uma resposta sólida, composta por uma pedagogia que dê o direcionamento de formar para valer, de formar para uma vida sadia, de realizações e responsabilidades.

O adolescente, na idade de 14 a 17 anos vive uma pressa: a pressa em firmar-se como adulto, a viver e usufruir tudo o que diz respeito ao “papel” de adulto, aos direitos da vida adulta, porém, esquecendo que existem algumas etapas e tarefas a serem realizadas para se chegar lá, e também os deveres de um adulto. Na adolescência os instintos biológicos correm como um leque, agitados, a toda intensidade e energia, e existe uma postura de ansiedade em busca do primado e da afirmação veloz.

Ao lado desta situação, o adolescente começa a desprender-se do núcleo familiar, tendendo a procurar um grupo de referência, amigos, colegas de escola, sua turma. Esta situação é interessante: denota a busca de um espaço natural, por meio do qual ele possa crescer em conjunto, mesmo porque o seu espaço no núcleo familiar de origem – por mais que este seja

sempre sua casa, sua família – não será o seu espaço definitivo, considerando que sua vida está apenas começando. Assim ele busca expandir, na tentativa de começar a construir o seu espaço vital e de ação, na vida e no contexto social.

Todavia, os amigos não bastam, contam muito, desempenham papel significativo na vida um do outro, mas uma hora o coração começa a bater mais forte. É uma forte necessidade que toma conta de nosso adolescente, que lhe enamora, que lhe faz perder a cabeça, esquecer de estudar, de comer, de dormir. O parceiro, neste momento, pode ser um complemento ao crescimento, porém, nosso adolescente precisa ir aprendendo que não é a definida meta. “O jovem colore o amado com aquele infinito que, ao invés, é potencial de afirmação histórica: a água é indispensável durante a viagem no deserto, mas não é a meta da viagem².”

Em meio à pressa, às angústias, à necessidade de destacar-se do núcleo familiar, de estar junto de sua turma, de suas festas, suas primeiras vezes de tantas coisas, do olho brilhando, de estar apaixonado, às alegrias contagiantes, às inseguranças e medos, do choro escondido e fechado no quarto, de todas as mudanças em seu corpo, em sua voz, em seus interesses, em seu ânimo e estado de humor, existem também os

² MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014. Capítulo: Doze, quatorze, dezessete anos. p. 81.

estereótipos típicos dos adolescentes/jovens. A estes os pais precisam fazer muita atenção e responsabilizar o jovem: 1) *biologismo*: o destaque excessivo do corpo e de finalização da vida para a reprodução biológica; 2) *idealismo crítico*: o jovem evita a tarefa e o sacrifício de construir a si mesmo, olhando os erros dos outros; 3) consumismo.

Sem falar dos vícios do jovem, que são a sexomania, alcoolismo, toxicodependência, antissociabilidade, psicossomática grave e a superficialidade do poder digital³. Estes são os comportamentos-base do desvio psicológico nos adolescentes, que estandardizam uma consciência incapaz de fazer crescimento e desenvolvimento criativo e saudável de si na história e na sociedade.

Deste modo, o adolescente vive um drama. Por um lado, a plenitude da possibilidade de ser adulto e, por outro, a carência e a dificuldade do espaço e dos instrumentos que tornam possível metabolizar a sua segurança pessoal⁴.

Em meio a esse cenário geral e ao drama, justamente na fase que vai dos 14 aos 24 anos – a década de ouro, a fase em que a vida dá tudo de graça ao sujeito, no sentido de inteligência, de energia, disposição – é urgente uma pedagogia que possa auxiliá-lo a saber

³ Para aprofundar o tema dos principais estereótipos e dos vícios dos adolescentes e jovens, verificar MENEGHETTI, A. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

⁴ MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**, op. cit.

encarar esta fase e a se preparar para formar-se como um adulto sadio, para saber investir seu potencial de vida em um direcionamento vencedor a si mesmo.

No que diz respeito aos adolescentes e sua formação, em relação à pedagogia tradicional existe vasta literatura da pedagogia da criança, a delinquência juvenil, e sobre os motivos pelos quais um jovem é problemático. Porém, não existe um método, um instrumento, pesquisas ou aplicações que digam respeito ao desenvolvimento do jovem normal, sadio, e que auxiliem sua formação. Justamente aí a pedagogia ontopsicológica na formação humanista prática de adolescentes e jovens se propõe atuar.

Nascem tantas inteligências, tantos jovens são bem preparados, porém, num certo ponto, perdem-se no caminho⁵. Por que não ajudar esta parte da juventude que pode ser um recurso para a sociedade? O Prof. Antonio Meneghetti se perguntava: “Por que devemos perder estes jovens? Por que não os ajudamos de alguma maneira? Por que devemos considerar presumido o fato de que, se um jovem é saudável, se está bem, então não deve ser ajudado? Ajudemos, pois, um recurso que será de todos amanhã”.

Os jovens se perdem mais ou menos na idade de 16, 18 aos 24 anos, e depois começam a enrijecer no

⁵ **Documentário “Identidade Jovem – A formação humanista de jovens como garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil”**, Associação Brasileira de Ontopsicologia, Recanto Maestro, Ministério da Cultura, 2011.

interior de uma das tantas máscaras que se pode assumir na sociedade. Mas o período que vai dos 14 aos 24 anos é um período em que ainda se pode agir e reagir em relação ao enrijecimento futuro do jovem, pois é a fase de máxima virtualidade e fertilidade intelectual.

E o paradoxo se dá neste momento, pois, presumindo-se que o jovem está bem e que não precisa ser ajudado, é deixado sozinho, e neste vazio se dá a perda de tantas inteligências, porque, de fato, a partir da educação que teve, seja na família, escola e diversos lugares sociais, o jovem, a esta idade, não se encontra pronto, não está formado diante da vida, e não sabe fazer, existe ainda todo um caminho a se percorrer e se operar sobre si mesmo. Por quê? A família, escola e sociedade podem dar informações, boa educação, mas, não conhecem o potencial ínsito a cada nova criança, adolescente/jovem posto pela vida. É iminente falar de uma pedagogia para o adolescente. Não apenas falar, mas fazê-la. “Os jovens são sempre uma explosão vital que não deve ser desperdiçada em um momento em que a vida está no auge do seu vigor”⁶.

No percurso de formação humanista ontopsicológica prática o jovem não pode ser substituído – a responsabilidade é o ponto central desta formação. Ele deve assumir a responsabilidade em construir a si mesmo e a própria estrada.

⁶ Ibid.

É também muito importante para o adolescente que exista o diálogo com um adulto afirmado no social e reconhecido por ele como testemunho de valor de suas próprias aspirações.

Assim, apresentamos aqui algumas premissas práticas de formação humanista ao adolescente, de acordo com a pedagogia ontopsicológica, para conhecimento de si mesmo, dos pais e dos professores/educadores, mas, sobretudo, para compreensão e atuação imediata no cotidiano histórico da vida aqui agora. Como ponto de partida e tônica a direcionar este percurso de formação, o adolescente deve ser educado à lógica das consequências de cada escolha, sem economizar suas dores. Junto disto, é necessário ajudá-lo a saber ser autônomo economicamente, autônomo psicologicamente e funcional socialmente⁷.

Ele precisa investir sua energia, precisa entrar na ação/fazer, portanto, atuar sua possibilidade operativa atual, deixando a preguiça de lado e não sendo substituído nestas tarefas, ou seja, ninguém deve fazer por ele. Deve iniciar fazendo pequenas tarefas caseiras ou rotineiras, como por exemplo, limpeza geral, auxílio na cozinha, jardinagem, carpintaria, entre outros. Deve ser responsável pela ordem e higiene de sua área privativa, precisa saber tomar conta do pequeno ambiente onde vive, onde dorme. Todas estas aparentes

⁷ **A Paideia Ôntica.** Dos Sumérios a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013. Aos cuidados de Margherita Carotenuto. p. 422-423.

pequenas atividades possuem um triplo objetivo:

- ensinar a ele coisas elementares do próprio existir e que são fundamentais para iniciar uma autonomia;
- introduzi-lo a responsabilidades civis cotidianas;
- iniciar uma experimentação sobre suas tendências, seus maiores interesses, suas inclinações naturais⁸.

Estes pontos iniciais são importantes para o adolescente se dar conta que é o início do saber fazer e que o aprendizado, a formação e o crescimento não dão saltos, que não se pode pular etapas, que existe uma hierarquia bem precisa nas tarefas a serem aprendidas e desenvolvidas ao longo da vida para a própria formação e realização pessoal e profissional.

Na medida em que este adolescente aprende, começa a trabalhar em um local determinado, uma empresa, vai aprendendo as diferentes funções dentro desta empresa, gradativamente aumenta a dificuldade e a relevância de suas tarefas: recepção, secretaria, organização de eventos, atividades administrativas, financeiras, até atingir funções de liderança naquele âmbito onde demonstrou maior habilidade, interesse e coerência de investimento. Essa é a trajetória do trabalho, que vai dando ao jovem a visão do todo e o prepara para uma futura capacidade de gestão, pois saberá como avaliar, orientar e conduzir quando

⁸ A Formação prática, **Documentário Identidade Jovem**, 2011, p. 82, op. cit.

chegar o seu momento de liderar. Nesta idade, é preciso muita prática, trabalhar.

Participar de diversas fases e chegar a assumir a responsabilidade por um projeto exige um constante aperfeiçoamento e busca por novos conhecimentos. Isso se dá com estudo, empenho individual e por meio da troca de experiência entre colegas, empresários e com profissionais de apoio como parceiros ou fornecedores. Junto do trabalho, o estudo e o empenho e dedicação individual são fundamentais para o aprendizado e formação do adolescente, e ir aprendendo a se relacionar bem com todas as pessoas, principalmente, com aquelas que contam, que são mediação instrumental ao seu saber e ao seu fazer.

Junto da atividade prática do trabalho, o adolescente deve iniciar uma formação personológica e cultural. Os conhecimentos teóricos e práticos auxiliam-no a compreender quem ele é e como pode desenvolver historicamente o próprio potencial. Precisa ir desenvolvendo os instrumentos da racionalidade, ao passo que possa ir conhecendo a própria identidade, as características de um jovem líder, a importância e o valor de si mesmo.

Se o adolescente tiver oportunidade de realizar alguma experiência de intercâmbio internacional conta muito, pois essa troca de experiências é outro ponto fundamental que contribui. Da convivência de valor com outras culturas aprende-se a relativizar tantos absolutos da própria monocultura. Esse relativismo leva

a uma curiosidade positiva sobre os diversos modos de ser do humano, tolerância e respeito pelos hábitos e valores de outros sistemas culturais: “a participação em uma pluralidade de situações faz autogênese de inteligência e autoliberação dos estereótipos” (ME-NEGHEITI, 2010, p. 249).

E podemos elencar mais indicações práticas de aprendizagem a serem iniciados na adolescência e continuados até os 30 anos de idade – para aquele adolescente que queria alcançar a arte de viver.

- Deter-se para observar o máximo possível, sem investir-se jamais totalmente em nenhuma escolha;

- Aprender bem a fundo algumas estradas, por exemplo, estudar seriamente os manuais de cultura geral e conseguir dois diplomas de graduação, um de caráter humanista e um de caráter científico; como alternativa, ter um conhecimento total da história da filosofia;

- Aprender parcialmente alguns ofícios artesanais (vendedor, garçom, pedreiro, eletricista, alfaiate, etc.), para saber fazer, ter ação, “*colocar a mão na massa*”;

- Ter experiência fideísta de uma religião;

- Viver provisoriamente e em trânsito a amizade, o amor e o sexo, entendendo que não são a meta definitiva da vida;

- Jamais errar gravemente contra as leis do Estado vigente (crimes que prevejam a prisão);

- Fazer cada coisa, pesquisa, relação, estudo,

trabalho como *dever do momento de transição* e como *ganho mental*;

- Simular o acordo com chefes, parentes e prepostos, mesmo se limitados, e aprender os vários estereótipos que os humanos usam na sua gestão cotidiana;

- Vigiar continuamente para não trair o próprio íntimo⁹;

- Aprender a dialética da dupla moral: ser a si mesmo sem jamais trair-se por outro e simular adaptação inteligente ao sistema social. Ser verdadeiros no próprio projeto de natureza e adaptados às regras externas do momento. A dupla moral é a salvaguarda para a consciência ôntica. Contrariamente, apenas com a consciência do Eu enquanto prótese ou meme inserido pela sociedade e metabolizado pelo indivíduo, efetua o fracasso existencial¹⁰.

Por fim, ficaríamos muito felizes se o quanto aqui descrito e apresentado, não fossem apenas palavras a serem lidas e até quem sabe relidas, seja pelo próprio adolescente, que pelos pais e professores. Mas que, realmente se tornem indicações práticas a serem colocadas em ação por aquele que se sentir tocado e provocado a realizar, para quem quer mais da própria vida e que sabe, dentro de si, que pode fazer, e que a vida pode ser muito mais e melhor, do que hoje se apresenta.

Fazemos um convite a você que hoje lê este texto.

⁹ Cf. MENEGHETTI, A. **A arte de viver dos sábios**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2009, p. 49.

¹⁰ Cf. **A Paideia Ôntica**, op. cit.

Desafie-se, comece a realizar aquilo com o que aqui se deparou. Não são regras fixas, não é uma proposta de formação de super homens. São sugestões, indicações, que nosso adolescente, para se tornar não apenas a personagem desta história, mas sim o protagonista responsável de sua própria história, pode começar a realizar, executando cada tarefa, dia a dia, continuamente, sem parar, para crescer. Queremos ver o seu resultado, o tornar-se um jovem e depois um jovem adulto responsável, inteligente, operador funcional no contexto social, que sabe dar respostas de solução, primeiramente porque está buscando responder e resolver bem a si mesmo, e depois, com resultados concretos também a todos os demais com os quais ele trabalha, encontra, convive. Porque é belo! Porque a vida é muito mais do que aquilo que sabemos e fazemos hoje!

O desafio está posto, o resultado e o futuro está em suas mãos. Cada um se torna como se constrói.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **A arte de viver dos sábios**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2009.

_____. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2014.

_____. **Os jovens e a ética ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

Documentário “Identidade Jovem – A formação humanista de jovens como garantia de sustentabilidade, identidade e protagonismo civil”, Associação Brasileira de Ontopsicologia, Recanto Maestro, Ministério da Cultura, 2011.

A Paideia Ôntica. Dos Sumérios a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

5 A JUVENTUDE

Josiane Barbieri¹

Toda a conjuntura social, não conseguindo dar uma resposta apropriada e favorável ao potencial que cada jovem sadio experimenta em si mesmo de poder confirmar-se como um indivíduo adulto – com direitos e inevitáveis deveres –, continua impelindo-o a buscar fora do seu grupo de referência afetiva um espaço onde tenha a possibilidade de interagir e desenvolver-se em conjunto com os demais, já que na família não encontra mais um lugar para realizar novidade dialética. Os adultos não estão dispostos a abrir mão de seu espaço de poder e, consciente ou inconscientemente, impedem o progresso dos próximos que nascem ou estão por adolecer. Daí a necessidade de o jovem fugir de casa e juntar-se a outros grupos, pois percebe o limite da vida dentro do contexto familiar, onde se sente quase como um ‘prisioneiro’. E, de fato, os jovens que insistiram em permanecer no ‘ninho’ da família, iludidos por um primado afetivo, acabaram vítimas da informação organizada dos adultos e impedidos de afirmarem-se como únicos e de construírem uma história própria e irrepetível.

¹ Mestre em Filosofia - PUC-SP.

Até mesmo a busca e a forte necessidade de um parceiro afetivo-erótico, nesta fase do desenvolvimento, antes de ser uma real procura por um objeto complementar primário, manifesta-se mais como deslocamento de uma tensão à afirmação pessoal, mas que prossegue frustrada. O jovem tende, por esta tensão frustrada, por este alargamento não exercido, a fazer espantosas projeções: venerações míticas, adoração a ídolos, relações de fé inabalável etc. Porém, nenhum destes deslocamentos lhe dá paz interior, nenhum deles lhe dá a tranquilidade do produto acabado, do débito pago. Um parceiro ou uma adoração não são a meta final; mesmo assim o jovem insiste em colorir o objeto amado ou venerado de infinito, um infinito que é puro potencial de afirmação histórica. No fundo ele sabe que ninguém pode ser o seu objetivo definitivo. Contudo, insiste no deslocamento.

A verdadeira tragédia que vive o jovem é a vivência de uma aguda contradição entre a o sentimento da completa possibilidade de ser adulto e a dificuldade de encontrar o ambiente adequado e adquirir os instrumentos que consintam a posse de sua segurança pessoal. Todos os idealismos desta fase de vida necessitam ser vistos como sublimações de uma impotência ao investimento, de uma ineficácia à conquista, e não como potencialidade psicológica ou capacidade superior, como usualmente os adultos próximos creem. Porém, mesmo vivendo esta contradição, o jovem sadio é aquele que se investe coerentemente

e planeja a sua vida para afirmar-se através da ação, pois somente esta pode revelar a própria interioridade e o ambiente em que vive. Ele propõe e produz resultados, organizando os modos para concretizar aquilo que urge e já é total dentro de si e no espaço onde atua, pois o espaço é sempre o natural útero da autoconstrução de uma pessoa, e se alarga proporcionalmente a sua capacidade. O jovem pode agir e autoafirmar-se, mudando inclusive o seu entorno, somente na medida em que é, sabe aquilo que é e age coerentemente com o ser que é.

O jovem saudável é aquele que, mesmo tendo uma meta – quiçá avaliada como absurda –, manifesta uma contínua curiosidade de interesses; é sempre aberto e disponível a todas as formas que a vida manifesta, ao mesmo tempo em que possui uma hierarquia de valores preestabelecida dentro de si. Esta hierarquia baseia-se no máximo de gratificação que percebe e obtém a partir das escolhas que faz e das relações que estabelece; jamais é balizada na apreciação social, naquilo que a sociedade ressalta como sendo o melhor. O encanto da juventude está no fato de que o sujeito começa a definir os seus valores baseado numa sensibilidade própria, íntima. E ao fazer isto, o jovem coloca também em crise os adultos, os quais não sabem como se mover para auxiliá-lo. Mesmo porque estes adultos já perderam a bússola interna, pois acabaram por ofuscar aquela sensibilidade que também era imperiosa na sua juventude.

A juventude, por si mesma, é uma fase de ouro, de *máxima virtualidade* e produtividade intelectual. O ser humano vive e tem consciência de uma plenitude interior, de uma força entusiástica que anseia por expansão e concretização. É um período em que, apesar de todos os temores e inseguranças, o indivíduo é capaz de qualquer sacrifício, é capaz de fazer e adquirir todas aquelas passagens (aprendizagem, novidade, aprimoramento) que consentem sua autoafirmação e a conquista do primado existencial.

Por outro lado, o jovem normalmente depara-se com uma sociedade que, além de não ser o espaço propício à atuação deste potencial, oferece uma série de estímulos e respostas inadequados ao desempenho desta tarefa. A sociedade, a família, a escola, a mídia, as leis, o mercado de trabalho, os bons, os maus, os honestos, os desonestos, os perigos impactam o jovem com seus valores, suas verdades, seu poder, suas imposições, suas regras, suas ameaças e supostas vantagens. E como isto já ocorria desde sua infância, a sociedade acabou sendo interiorizada por ele. O problema do jovem, então, torna-se duplo: de um lado, possui a consciência de uma plenitude, mas não sabe ainda quem ele é e tampouco possui as ferramentas para agir; de outro, descobre-se dentro de um contexto que impõe as suas regras, os seus programas, os seus juízos de valor. No final das contas, ainda que relute, o jovem acaba interpretando a si mesmo quase que exclusivamente em conformidade aos ditames

sociais. Faz a leitura e direciona sua força baseado nos modelos de comportamento que assimilou, além de avaliar suas aspirações com esquemas inapropriados, perdendo a possibilidade de compreensão de sua original identidade. Crise, angústia, insegurança, incerteza tornam-se, para ele, inevitáveis. A vida se torna um peso e o jovem agarra-se a desculpas, evasivas, organizando sua vida com todos aqueles estereótipos que adquiriu. Para alguns, é ainda pior, pois acabam doentes, drogados, em depressão etc.

Os principais estereótipos dos jovens, entre os 14 e 36 anos, reforçados pela sociedade, que deturpam a sua consciência e a possibilidade de construírem-se de forma autônoma e em harmonia com seu potencial são: biologismo, idealismo crítico e consumismo.

O biologismo consiste na exaltação excessiva do corpo com todos aqueles prazeres que lhe são agregados: sexo, confortos, não trabalho, não estudo, férias, preguiça, estar junto dos amigos etc. No biologismo, o jovem procura construir um tipo de família que, na maioria dos casos, acaba em divórcio, portanto, realiza o casamento mais pelos presentes, pelos benefícios ou então para obter mais liberdade. E se tem filhos, estes acabam como arma para pleitear outros direitos, especialmente por parte das mulheres. Ama os pais pela riqueza e por aquilo que deles pode obter: casa, terra, dinheiro, carro etc. Muitos jovens escolhem permanecer na casa dos pais, pois ali podem obter tudo e facilmente. Em última instância, o jovem acaba

numa *vegetação biológica do humano*. O biologismo juvenil é sempre limitativo do processo de desenvolvimento e não garante o sucesso e a autoafirmação. O caminho da autonomia e do sucesso é aquele de fazer diversas coisas, mas mantendo uma margem de liberdade que consente a realização última de si mesmo.

O idealismo crítico, por sua vez, caracteriza-se pela fuga da tarefa e do sacrifício de construir a si mesmo e pelo deter-se no observar e analisar os erros dos adultos: pais, professores, chefes etc. O jovem, neste sentido, sente-se o representante da perfeição e acredita que, por possuir a capacidade de criticar, seja superior. Na verdade, esta capacidade comumente revela-se como pretexto para não assumir precisas responsabilidades ou mudar as próprias atitudes. O erro fundamental do jovem, ao exercer o idealismo crítico, está no fato de deslocar o empenho de assumir o próprio crescimento no ato de fazer crítica racional às falhas dos outros.

Seguramente as críticas do jovem têm o seu fundamento, pois os adultos não são perfeitos. O problema é que isso acaba colocando-o numa posição gratuita de segurança e superioridade. Embora o jovem sinta e tenha consciência de ser um grande potencial, este ainda não foi concretizado, é apenas uma possibilidade. Para se tornar real, o jovem deve trilhar um longo caminho, deve conquistar e demonstrar concretamente esta potencialidade. Mais do que isso, os adultos, mesmo que imperfeitos, podem dar passagens e

instrumentos que o jovem poderá utilizar com qualidade superior num futuro. Porém, na posição de idealista crítico, obviamente perde a oportunidade de instrumentalizá-los em vantagem própria.

Outro fator que entra em jogo é o fato de que alguns adultos (pais, parentes ou professores) investem no jovem, apreciando-o não por como realmente é, mas pelo como convém a eles. Infelizmente, muitos adultos, fracassados na própria realização, acabam por compensar-se naqueles jovens que são uma *promessa* do futuro. Quantos pais e educadores preparam um jovem para ser aquilo que eles não conseguiram ser, ou então para fazer algo que não tiveram a coragem de concretizar? Agindo desta forma, os adultos fortalecem o idealismo crítico do jovem, impedindo-lhe de fazer um julgamento concreto sobre si mesmo e seu modo de agir habitual. Pouco a pouco, o jovem vai se sentindo sempre mais e mais superior, mas, de fato, seu estilo de vida não corresponde, e assim ele vai escondendo de si mesmo aquilo que deveria, mas que não está fazendo no seu dia a dia. A primeira das consequências que porta o idealismo crítico é que jovem não age, não se empenha na sua formação, adapta-se a uma sociabilidade medíocre e não percebe que os anos vão passando, e rapidamente. Quando atinge os 20/26 anos de idade já é tarde. Quando chega o momento em que deseja ingressar na sociedade, especialmente através do trabalho, percebe que não sabe fazer algo de forma qualificada e é

somente mais um entre tantos.

Qual alternativa lhe resta? Todo jovem, depois desta constatação, assume uma atitude orgulhosa, presunçosa e acaba atacando os adultos e a sociedade, ou seja, projeta a culpa no outro daquilo que não construiu para si próprio. Contemporaneamente, o jovem também já cometeu exatamente os mesmos deslizes biológicos que condenaram os adultos criticados por ele: superficialidade, acomodação, sexo fácil, relacionamentos irresponsáveis, excesso de bebida, escolha de amigos e situações impróprias, filhos etc. No fim, a suposta superioridade e o idealismo crítico transformam-se em armadilha contra a tão valorizada *promessa* de vida do jovem.

A juventude não é o momento para esperar ser compreendido e exaltado. Um jovem é grande se realiza a si mesmo e não se procura trapacear ou superar os adultos. O tempo de colher os frutos e de obter o reconhecimento só poderá chegar à medida que o jovem assenta os pressupostos, que se investe e sabe usar bem as oportunidades e os adultos, dia após dia. De fato, *o sucesso quer o investimento máximo de si mesmo* e neste sentido o jovem não pode blefar.

Hoje temos, sobretudo, o consumismo desenfreado dos jovens. Este consumismo juvenil encontra seus fundamentos no período da infância, sobretudo pelo assistencialismo que é prestado às crianças, pelo fato de colocá-las em primeiro lugar e dar-lhes razão em tudo. É comum ver, num restaurante, os pais

privilegiarem a criança naquilo que deseja comer; colocá-la em primeiro plano quando escolhem uma atividade de lazer; abrirem mão de seus prazeres para satisfazer determinados caprichos da criança; dar-lhes brinquedos que, em seguida, são destruídos por falta de cuidado etc. Quando se assiste demasiadamente a criança, cria-se a ilusão de que na sociedade tudo lhe será facilitado também.

As dificuldades vividas e não minimizadas na infância parecem favorecer o desenvolvimento de jovens muito mais capazes, pois intensificam o exercício da vontade, da iniciativa e ativam reações criativas por parte do sujeito. Por isso, parece ser bastante apropriada uma pedagogia mais rigorosa e responsabilizante, pois esta prepara antecipadamente crianças e jovens para uma sociedade que, sobretudo hoje, e a cada dia, torna-se mais dura e violenta. A particularidade do consumismo da juventude atual é o apego aos objetos de uso comum (carro, música, celulares, roupas, cabelos, bebidas, drogas etc.), mantendo-se instrumentalizada pelos mesmos. Os jovens aproximam-se entre si camuflando-se de superficialidade, camuflando aquele drama que vivem no seu íntimo. E qualquer um deles que tenta expressar seu mal estar ou seu descontentamento, a resposta dos outros é a banalização: “deixe disso, fume um baseado, vamos para a balada...” Com isso, o jovem evita a crise e faz com que todos prossigam alienados de si mesmos e subtraídos da própria interioridade. Porém, os jovens

não percebem de serem servos de um imenso mercado que se apropria da sua interioridade, que procura oferecer produtos que aparentemente respondem aos seus melhores anseios. Acreditam serem os consumidores, mas na realidade são totalmente consumidos, e a ambição de crescimento fica perdida.

Associados a esses três estereótipos, em conjunto ou isoladamente, unem-se os principais vícios da juventude atual: sexomania, toxicodependência, alcoolismo, antissociabilidade (delinquência), psicossomática grave e uso superficial da tecnologia digital. O jovem mesmo acaba construindo a sua tragédia, a sua falência. Em função disso, a juventude encontra-se limitada e não consegue mais ter uma vida sadia, muito menos de valor.

Usar os antigos métodos de psicoterapia e pedagogia clássica tem se demonstrado totalmente inútil. Os jovens não respondem aos velhos modelos, nem estão dispostos a sair de sua posição de suposta superioridade. Por amor e boa fé os adultos desejaram facilitar o seu desenvolvimento, substituindo-lhes diante das dificuldades e minimizando-lhes os sacrifícios. Porém, ao impedirem o jovem de enfrentar todos aqueles problemas naturais, que todo ser humano deve enfrentar, praticamente o tornam deficiente ao exercício de tornar-se pessoa. A intervenção adequada é persistir delicadamente com o jovem – a cada vez que denuncia ou ataca a família ou a sociedade – de colocá-lo no seu próprio lugar: “E você, como acredita

que acabará? Mesmo que eu aceite suas críticas como verdadeiras, você não pode negar que acabará como o produto final dos erros dos outros. E a sua inteligência, os seus sonhos, é justo que acabem sendo destruídos pelo programático erro de nós, velhos adultos? Você não pode fazer algo?”

A situação da juventude não alterará se não for despertado o seu genuíno capital de inteligência originária que, na pedagogia ontopsicológica, denomina-se Em Si ôntico. O Em Si ôntico é aquele princípio formal que origina de modo irrepetível e único o ser que se é *aqui* e *agora*. Fora do aqui e agora eu não sou, portanto, zelando e dando personalidade ao aqui e agora, o jovem pode participar do ato eterno da vida. O ser, assim como a vida, é único. Não existem verdades absolutas no externo. Tudo, externamente, é relativo. O Em Si ôntico jamais é repetitivo e se manifesta de infinitas formas, não importa se é na variante feminina ou masculina, se na nacionalidade brasileira ou chinesa, pois suas vestes são ilimitadas. O importante é que estas vestes sejam funcionais a sua identidade original, ou seja, que ativem e reforcem aquela ação viva que cada um possui no próprio íntimo. Sem esta força o jovem não pode construir uma existência de valor, não consegue ser plenamente realizado. E é esta força que, na juventude, é plenamente sentida, portanto, deve ser compreendida e reforçada com ações congruentes, e não evitada ou enlatada em estereótipos que depois a assassinam.

Não se trata, portanto, para o jovem, de fazer revolução externa, e sim revolução interior. Atacando o externo, o jovem acaba por reforçá-lo. Ao invés disso, deve relativizar os modelos e estereótipos indicados pela sociedade e permanecer fiel àquela força que sente vibrar dentro si. Sendo continuamente fiel e coerente a esta força, ao próprio Em Si ôntico, o jovem pouco a pouco construirá a si mesmo com superioridade e, quando se der conta, estará pronto para assumir o comando, primeiro de si mesmo e depois no externo, na sociedade, caso deseje. Os jovens devem começar, com pureza e vontade, desde o princípio. A solução brota do próprio íntimo, quando é buscado com humildade cotidiana.

Na pedagogia ontopsicológica fala-se de *dupla moral*, um conceito fundamental para a formação do jovem. Trata-se de compreender que existe uma lei que é exclusiva do sujeito e outra que serve para adaptar-se aos outros, a sociedade. A partir do momento que se entra no jogo social, as regras jurídicas e grupais devem ser respeitadas, mas trata-se de um jogo externo, que não reflete a verdade íntima do sujeito, e o jovem deve estar ciente disso. Perante a sociedade somos todos iguais, mas diante da vida somos filhos únicos e cada um possui o seu eu irrepetível. O jovem, na medida em que considera as regras e as leis que a sociedade convencionou, pode igualmente jogar o instinto de vida e do próprio Em Si ôntico. Trata-se de uma estrada de mão dupla, onde nenhuma

das vias pode ser evitada caso se queira o sucesso, sobretudo aquela da vida, do sentido ôntico.

Como conclusão, podemos afirmar que se não surgem novidades de resposta, se não cintilam novos destinos, em última instância, a responsabilidade é dos próprios jovens, da sua preguiça, da sua acomodação e do seu medo. Eles têm tudo, mas devem distinguir-se de todos aqueles modelos e estereótipos que fazem o consumo da sua personalidade. Os adultos podem auxiliar somente em parte, abandonando a atitude hiperassistencialista e, ao mesmo tempo, favorecendo ao jovem o encontro com esta nova pedagogia ontopsicológica, que sem dúvida é a única em condições de compreender e orientar aqueles jovens que, por aberta e livre vontade, querem a sua afirmação histórica como pessoas de valor.

REFERÊNCIAS

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

_____. **Os Jovens e a Ética Ôntica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

6 PORQUE A ONTOPSICOLOGIA APRESENTA UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NOVA

Alécio Vidor¹

Esta nova proposta não pretende julgar o valor de propostas pedagógicas oriundas de ideologias ou das psicologias existentes, mas visa acrescentar novos aspectos baseados num novo nível de percepção oriundo de informações vitais.

A pedagogia tradicional parte da observação e da percepção sensorial descrevendo os fenômenos manifestos, permanecendo no plano descritivo comportamental e explicativo, recorrendo a pressupostos socialmente admissíveis. Analisar mecanismos de defesa protetores de um Eu construído em base à cultura e ao modo de pensar socialmente aprovado ou polêmico.

A psicologia e a pedagogia em voga propõem uma educação de adaptação à cultura vigente, em base ao

¹ Doutor em Filosofia - Universidade São Tomás de Aquino, Roma.

critério convencional e ao rigor da metodologia exigida para construir ciência. O conhecimento elaborado pelo método exclui a necessidade de evidência da causalidade interna oriunda da forma original da vida humana.

Pelo que se observa, olhando os resultados obtidos em prol de uma melhoria da vida individual e social, não está acontecendo, com os conhecimentos construídos, uma valorização da vida humana. A eficácia dos conhecimentos está contribuindo para um aperfeiçoamento tecnológico, sem o correspondente valor da vida humana.

Talvez o modo de reverter a situação individual ou social de decadência da vida está em recuperar o critério da natureza, o modo como a vida intenciona manter-se e crescer.

Não se trata de pretender uma reforma social, e sim de revisar o próprio Eu consciente de cada um e examinar se o modo de pensar coincide com o próprio projeto de vida a ser construído. A sociedade só resolve sua degradação se cada um começa a se comprometer em descobrir como construir seu valor pessoal. Se o ser humano não pode o menos, será inútil pretender uma reforma social, que é o mais.

Para compreender a si mesmo, em base à própria identidade ou projeto, nós somos dotados de um organismo que, através de suas linguagens e informações, pode corrigir erros de nossa consciência.

A Ontopsicologia, através de seu criador,

descobriu um novo nível de percepção dinâmica, em que a atividade psíquica transfere informações entre as individuações. Esse nível de comunicação dinâmica se dá entre os organismos vivos e se antecipa à percepção consciente. Trata-se de uma variação de ondas que provoca emoção ou intuição e a seguir se configura em símbolos da fantasia e em sonhos noturnos.

Para perceber o significado de tais informações é indispensável afinar a mente para ler as linguagens organísmicas e ajustar a consciência às informações oriundas da própria vida.

Esse nível de percepção gradualmente leva o indivíduo ao encontro do princípio original constituinte do próprio projeto de vida.

A identidade de um ser humano não se dá pelo reconhecimento significativo de seus comportamentos aprovados pelo contexto, mas é dado na origem da vida como projeto a ser descoberto e construído.

O princípio movente unitário da individuação é um núcleo inteligente que se mantém como guia do modo de ser, de organizar e agir através de ações constitutivas da própria vida. A forma inteligente é o princípio constituinte da identidade da vida humana e é anterior a formação da consciência, de modo que o pensar consciente necessita progressivamente refletir o modo de ser. A consciência, para tornar-se exata, deve adequar-se ao próprio projeto inteligente para realizar a intenção do valor pessoal.

A progressiva adequação à luz do próprio projeto

reestabelece a ordem humana da saúde, do comportamento e da realização pessoal.

A Ontopsicologia formalizou os instrumentos que possibilitam a recuperação da consciência exata; com sua metodologia ela pode levar a consciência a refletir em base ao critério da natureza, porque entra em contato com o mundo-da-vida. O saber, para não ser reduzido a uma soma de opiniões, necessita fundamentar-se na medida do homem e o pensar é válido se reflete a fonte (=vida) que informa o real reconhecimento humano.

A pedagogia não tem condições de corrigir comportamentos externos e orientar o educando, se o educador desconhece a diretiva interna da própria natureza humana. Educar é nutrir a ordem presente na vida para que ela possa desabrochar segundo a sua intenção original.

A Ontopsicologia propõe o critério da própria natureza como fundamento para a pedagogia.

O socialismo quis implantar o critério social e estabeleceu uma igualdade entre todos, sem o compromisso da responsabilidade de cada um em promover as exigências da própria vida; por dote e capacidade o indivíduo pode responder por si o que sua vida exige.

O capitalismo fez prevalecer o critério material e substituiu a dignidade e o valor pessoal pelo valor econômico e material. Para educar se percebe que a matéria é um meio, mas que a realização pessoal é a intenção da natureza.

Porque a Ontopsicologia apresenta uma proposta pedagógica nova

Para educar é indispensável restabelecer o valor e a dignidade pessoal de cada um, porque é da responsabilidade pessoal cumprida que nasce uma nova ordem social para a vida humana.

